

Compte-rendu: D'Un Monde à l'autre

DOI

[http://dx.doi.org/10.11606/](http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.148977)

2179-0892.ra.2018.148977

Cecília Rodrigues Ribeiro

▲ École des Hautes Études en Sciences Sociales | Paris, França

✉ cecilia.rodrigues.ribeiro@gmail.com

CLERC-RENAUD, Agnès.
2016. *D'Un Monde à l'autre – fragments d'une cosmologie brésilienne.*
Paris, Éditions de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 301 pp.

O estudo das transformações de uma comunidade não é recente, porém denota uma antropologia moderna. A pesquisa da autora Agnès Clerc-Renaud na cidade de Jericoacoara é um exemplo desse tipo de análise, que resultou em uma tese e um livro datado do final do ano de 2016. A presente resenha

se baseia no livro recém publicado pela École de Hautes Études en Sciences Sociales e pretendemos, assim, divulgar essa pesquisa que, embora tenha sido feita em território brasileiro, ainda não tem referências em publicações na língua portuguesa.

A obra começa com a descrição de um serviço funerário na cidade de Jericoacoara ou, como os habitantes costumam chamá-la, Serrote. É interessante ver que o nome dado pelos habitantes origina-se do português e o nome reconhecido pelos turistas promove uma “indianização” do local. De fato, um paradigma de espaço e tempo permeará os discursos: no tempo de *antes* do turismo figuram a pesca, o fiado (sendo assim o valor da confiança na comunidade) e uma certa organização espaço-social; e no tempo de após o turismo, um crescimento econômico, aquisições materiais e um novo regimento urbano. Essa marca será um dos primeiros dualismos invocados desde o título da obra, *D'un monde à l'autre*. Neste, a autora enfatiza a expressão popular “este mundo e o outro mundo”, que carrega um triplo sentido: o mundo da sociedade de onde a autora é originária e o outro mundo objeto de estudo (encontro etnográfico); o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (encontro do corpo com a alma); e o mundo de antes das mudanças e o mundo do depois da chegada do turismo acentuado (encontro com a aceleração econômica). A cada encontro, outras representações se desencadeiam.

À medida que avançamos na leitura do livro, um quarto sentido da expressão aparece: o mundo católico tradicional europeu, com suas exigências eclesiais específicas, e o mundo católico das práticas locais do lugar estudado (encontro de catolicismos). Essas práticas locais, por sua vez, representam somente a região e, no último capítulo, essas reflexões oriundas dos dados do interior do Ceará serão analisadas comparativamente com outras localidades, em particular Cuzco, Choco e o sul da Amazônia (encontros socio-geográficos). Com tal arremate, isto é, fazendo o “encontro” dos catolicismos locais diferenciados (Cuzco-Peru, Choco-Colômbia e Amazônia-Brasil) e conjugando-o aos encontros já referidos, a autora transpõe “de um mundo a outro” sete vezes, a mesma marca de temporalidade lunar que ela remarca na população nativa. Sete também é o número de capítulos do livro. Esse detalhe (do número 7) pode ser interpretado como um reflexo da comunidade no pesquisador¹.

A primeira impressão da leitura do livro revela uma nova forma de compreensão da etnografia americanista de populações recentemente transformadas. A coleta não data de antes dos anos 80, mas percebe-se igualmente a mesma força das representações originais. Os dados da descrição do enterro, primeira cena do livro, parecem fiéis parecem fiéis e nos sugerem a primazia da oralidade entre esses sujeitos. Mesmo tendo sido a pesquisa publicada originalmente em francês, entende-se uma eloquência típica que se revela nos discursos. O dilema que se passa nesse cenário resultará no pilar do livro: *devemos colocar os pés do defunto virados para o mar ou com a cabeça virada para o mar?* Representações entre os vivos e os mortos se desenrolam na discussão da inversão do caixão e um sistema de valores em transmutação será interrogado a partir da análise desse acontecimento.

No prisma das transformações do Serrote, Clerc-Renaud aborda as mudanças do espaço e os critérios de pertencimento à população autóctone. Segundo a expressão local “gente daqui e povo de fora”, esse critério vem com o nascimento e diferencia os “nativos” dos turistas ou os moradores recentes. Uma mudança significativa na produção local, que se desenrolava em torno da pesca, se transforma em atividades em torno do turismo. O viés econômico implica na alteração do paradigma do espaço: o mar de cima é diferente do mar de baixo, a serra, as baixas (praia), o baixo (da cidade), o cemitério de baixo, o de cima, o de rico, o de pobre, a deslocação da escola. Constata-se também o surgimento de novos vocabulários como comércio, terreno, posse, propriedade. As polaridades alto e baixo assumem um caráter auto-representativo em relação ao espaço e dividem o solo em múltiplas parcelas: praia (turismo *versus* mar/terra) e praiano (morador da praia); mar (em um sentido não edênico, ligado à profissão) e pescador; mato (produção da mandioca) e mateiro; sertão e sertanejo (em relação aos que trabalham com pecuária); serra e serrano (agricultura da cana de açúcar e

¹ Os grandes pensadores da disciplina sempre afirmam a influência involuntária do pesquisador para a comunidade, mas pouco se pensa no contrário. Com efeito, certos modos de pensar de maneira automática entram na lógica do pesquisador.

do café). A descentralização dos lugares coletivos traz uma re-significação da categoria “praia” e de seus habitantes, assim como uma divisão na produção de alimentos, uma transformação do espaço e uma clara ressignificação dos locais.

A população “daqui” não se refere diretamente à sociedade tradicional indígena de outrora. Mesmo porque não se sabe ao certo quais etnias moravam no local e os habitantes não se reivindicam como tal. A autora faz aqui referência ao conceito de índio genérico de Eduardo Viveiros de Castro: na história do Brasil, as etnias indígenas se perdem na generalização dos termos. Relaciona-se também à mistura de etnias e à sujeição da população aos quais se referem os discursos romantizados de Nimuendaju e politizados de Darcy Ribeiro.

Então a quem se refere a expressão *gente daqui*? Àqueles que são marcados pela descontinuidade da ocupação humana do local, embora a continuidade imposta pelos visitantes entre o passado pré-colombiano do local os ligue ao grupo autóctone atual. Ou seja, aos olhos do *povo de fora* os “nativos” são essa indianidade condenada a desaparecer na pluralização: os índios. Mesmo que a autora tenha indícios da etnia passada, os habitantes atuais não se reconhecem como sobreviventes ou herdeiros. Da mesma forma que a religião católica é uma localidade, as características da comunidade também são.

Para entender essa população, destacam-se os ritos do ciclo de vida que praticam, dentre eles o batismo e o velório. Para os habitantes “deste mundo”, o reconhecimento social passa pelo batizado da criança e, assim, a apresentação do nome e da genealogia que ela porta. A lógica do sistema social interno, dos costumes do grupo em oposição às regras fixadas do exterior, não pode ser entendida como uma dicotomia entre lei e costume. É uma prática nova para os participantes, cada elemento descontínuo tem funções definidamente singulares, como a presença de duas madrinhas no batismo e a ausência dos pais no ritual.

A plasticidade do rito (na igreja ou em casa) figura-se na madrinha “de apresentar” (a segunda madrinha) e na madrinha e no padrinho “de vela” (como são chamados os padrinhos), emblemas indispensáveis que portam respectivamente o fogo e a água. Ao final do rito, a criança, que era inicialmente pagã, tem um nome, um sexo, um registro e um lugar na genealogia. Os rituais de nascimento e de morte são representações que explicam a historicidade da região, os atributos da relação entre seus integrantes e suas ressonâncias.

No que tange ao segundo o ritual, o que é feito acerca da morte, uma discussão em torno da alma e do corpo se instala, a primeira sendo destinada a subir aos céus e o segundo a ser enterrado na terra. A comunidade tem uma forma de ritualizar a morte no sentido de dar um ordenamento dela e um controle da continuidade. É preciso liquidar as dívidas com os vivos e com os santos, que têm um peso taxativo no que concerne às promessas. Uma vinculação diferenciada na relação com o dom como Mauss previa, pois a obrigação de retribuir subsiste

no *post mortem*. Após despedir-se dos vivos, a pessoa deve morrer com a vela em mãos, da mesma forma em que ela foi apresentada ao mundo. Dar a vela ao que vai morrer para iluminar seu caminho no “outro mundo” e achar “seu lugar” no campo celeste seria o mesmo que iluminar o caminho da criança no momento de sua entrada “neste mundo”.

A mudança do estado da alma segue o ritmo lunar: sete dias. A autora também encontra o sete marcando outro fenômeno: são considerados anjos as crianças “inocentes” mortas com menos de sete anos, depois de passarem pelo purgatório. O leite materno seria um condutor de pecados, pois precisa ser expiado na passagem pelo purgatório, assim como as lágrimas da mãe, pois o luto de uma criança que fora batizada dura sete dias, depois dos quais a mãe não deve mais chorar. Uma criança pagã tem um luto de 7 anos.

Percebe-se que o número sete é mediador entre o mundo celeste e o terrestre. Os homens são ritmados pela periodicidade solar e pelo espaço terrestre, em oposição ao mundo dos mortos, arbitrado pelo ritmo da lua no mundo celeste.

Algumas dessas características parecem se aproximar do catolicismo “clássico”, principalmente na nomeação dos elementos: batismo, velório, alma, purgatório, santo, anjo. Porém, a comunidade apresenta suas particularidades próprias. Diante desse quadro, as multiplicidades das tradições africanas, ameríndias e católicas não podem ser entendidas somente como sobrevivência ou sincretismo religioso. Essa tradição é sentida e vivida no cotidiano das populações e deve ser tomada em sua totalidade regional. Por isso a autora combate o uso do termo catolicismo popular, discussão muito pertinente, principalmente no âmbito da cultura brasileira.

Para concluir, como se um renascimento simbólico tivesse ocorrido com a chegada dos turistas e tudo tivesse se alterado, terminamos sem saber de qual lado o caixão fora enterrado. Uma nova tomada de consciência da existência transformou a existência em si. Um conhecimento de Jericoacoara (ou um reconhecimento) que re-ordenou seu universo simbólico. Novas referências serão elaboradas e devemos tratá-las novamente em sua totalidade e não como reverberação de uma outra. O livro é, nesse sentido, uma lição de antropologia moderna mas, igualmente, um lembrete de respeito à comunidade que se observa.

Cecília Rodrigues Ribeiro é doutoranda em Antropologia Social e Etnologia na EHESS (École de Hautes Études en Sciences Sociales) com co-direção na USPC, Paris-Diderot (Universités Sorbonne Paris Cité, Université Paris VII - Diderot). Psicóloga (PUC-GO), especialista (Universidade Castelo Branco) e mestra em Psicopatologia (USPC, Paris-Diderot).